

EMPRESÁRIOS DISPUTAM A AGENDA DO PETISTA



Editora ABRIL - edição 1752
ano 35 - nº 20 - R\$ 4,90
22 de maio de 2002

EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

veja

www.veja.com.br



POR QUE LULA ASSUSTA O MERCADO





A cantora Lauryn Hill: choro sincero



DISCOS

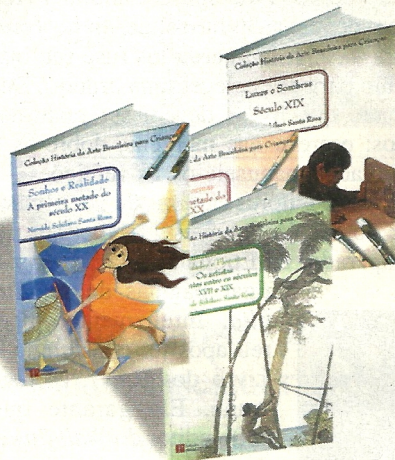
MTV Unplugged 2.0, Lauryn Hill (Sony Music) — Os 13 milhões de cópias vendidas e os cinco Grammy ganhos por *The Miseducation of Lauryn Hill*, seu disco de estréia, não foram suficientes para fazer da cantora uma pessoa feliz. Hill entrou em depressão, esteve a ponto de largar a vida artística e diz ter sido salva pela religião. Em meados do ano passado, gravou esse show que chega em álbum duplo. Nele, critica seus atos do passado (“eu fazia pose de rebelde e não era nada disso”, discursa) e mostra canções inéditas acompanhada apenas pelo violão. As músicas novas são boas e Hill é uma das melhores intérpretes da sua geração. Ela chora ao final da execução de *I Gotta Find Peace of Mind*, canção que fala sobre suas dificuldades pessoais — e em momento nenhum deixa de soar autêntica.

18, Moby (EMI) — O músico e DJ americano Richard Melville Hall (ele é descendente do escritor Herman Melville, autor de *Moby Dick*, daí seu nome artístico) desfruta do mesmo prestígio dos principais artistas da músi-



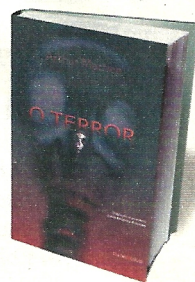
ca pop atual. Suas canções são utilizadas em comerciais e *18* foi aguardado com a mesma ansiedade que um disco do U2. Isso se deve ao fato de Moby, que iniciou sua carreira nos clubes de música eletrônica, não se limitar ao bate-estaca. As faixas do novo CD foram criadas sob influência do blues e da música gospel, para só depois ganharem um verniz tecno. O resultado é bom. Há ecos de David Bowie em *We Are All Made of Stars*. **Harbour** traz o vocal sussurrante da irlandesa Sinéad O'Connor, e a cantora Angie Stone e a rapper MC Lyte roubam a cena na racha-assoalho *Jam for the Ladies*.

LIVROS



História da Arte Brasileira para Crianças, de Nereide Schilaro Santa Rosa (Edições Pinakotheke; 32 páginas; 15 reais cada um) — Essa coleção em quatro volumes é uma ótima introdução à arte nacional para o público que está entre o fim da infância e o início da adolescência. Sua autora, a pedagoga paulista Nereide Santa Rosa, faz de cada livro um pequeno tratado a respeito dos períodos mais marcantes da arte no país. O primeiro volume fala sobre os viajantes que retrataram o Brasil colonial a partir do século XVII, como Debret e Rugendas, o segundo aborda a pintura acadêmica do século XIX e o terceiro, o movimento modernista. No último, ela destrinça uma tendência complicada até para muitos adultos: o abstracionismo. Seus textos são curtos e vão direto ao ponto.

O Terror, de Arthur Machen (tradução de José Antonio Arantes; Iluminuras; 190 páginas; 29 reais) — Toda estante de livros dedicada ao fantástico e ao sobrenatural deveria reservar espaço ao galês Machen (1863-1947), prestigiado por escritores como Jorge Luis Borges e Stephen King, mas esquecido pelo grande público. O elogio mais enfático a ele veio de H.P. Lovecraft, um dos grandes nomes da literatura de horror: “Dos criadores do medo, poucos, se algum, conseguem se igualar ao versátil Arthur Machen”. A novela *O Terror* é ambientada numa área rural do País de Gales, durante a I Guerra, e narra mortes pavorosas que podem — ou não — ter explicação racional. Segue-se a ela uma coletânea de textos curtos, povoados de seres fantásticos e enigmáticos, que Machen batizou de *Ornamentos em Jade*. É a primeira vez em muitas décadas que esses “ornamentos” são reeditados — nem mesmo em inglês eles estavam em circulação.



EXPOSIÇÃO

Paris 1900 (a partir de terça-feira no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro) — Na virada do século XX, Paris fazia valer como nunca seu epíteto de “Cidade Luz”. A capital francesa era o grande centro de efervescência da cultura mundial, além de palco de

O marchand Volland, retratado por Cézanne: destaque

